



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

## CRISES, SENTIDOS E CORPOS COMO EFEITOS MATERIAIS DO ACONTECIMENTO E DA BIOPOLÍTICA

Alex Pereira de Araújo\*  
(UESB)

Nilton Milanez\*\*  
(UESB)

### RESUMO

Este trabalho busca refletir sobre os efeitos materiais do acontecimento e da biopolítica, ou seja, buscamos entrar na ordem do *acontecimento* e da biolítica pela via da arqueogenealogia de Foucault. Para isso, vamos retomar a questão “como pode um acontecimento ser escrito?”, lançada por Barthes no mesmo ano em que ocorreu o *acontecimento* do Maio de 1968, para refletir sobre outro *acontecimento*: o Outubro de 2005, também ocorrido na França, quando vamos demonstrar que os filmes de horror também podem fazer parte da escritura do acontecimento e enunciar discursos da biopolítica, na análise aqui apresentada sobre *Frontières e À l'intérieur*.

**PALAVRAS-CHAVES:** acontecimento; biopolítica; corpos; sentidos; arqueogenealogia

### INTRODUÇÃO

Os empreendimentos realizados por Michel Foucault transformaram, modificando, nossa relação com o saber e a verdade na medida em que sua intervenção teórico-ativa introduziu uma mudança nas relações de poder e saber

---

\* Bolsista CAPES pelo PPGMLS da UESB, integra a equipe de colaboradores do Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo (LABEDISCO). Realizou estágio doutoral pelo PDSE da CAPES na Universidade Paris III em 2014. É ainda pesquisador no Projeto Traduzir Derrida: políticas e desconstruções da UESC (CNPq). E-mail: [alex.scac@hotmail.com](mailto:alex.scac@hotmail.com)

\*\* Professor titular do DELL da UESB, atua nos programas de Pós-graduação em Linguística e em Memória: Linguagem e Sociedade e no bacharelado de Cinema e Audiovisual, além de coordenar o Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo da UESB. Realizou estágio pós-doutoral (PDE/CNPq) na Universidade Paris III em 2006. E-mail: [niltonmilanez@gmail.com](mailto:niltonmilanez@gmail.com)



na cultura contemporânea, a partir de sua matriz ocidental difundida pela medicina, pela psiquiatria, pelos sistemas penais e pela sexualidade (cf. MOTTA, 2001 p. VII). Diríamos que, não só a obra de Foucault, mas também sua própria figura inquietante e pirotécnica de ativista político subverteram toda a ordem do pensamento moderno produzido no ocidente.

Os cursos que ministrou no renomado *Collège de France* são a prova da amplitude dimensional pirotécnica de sua obra inquietante e subversiva. Sua obsessão pelo presente o levou a tratar do acontecimento, por meio da sua genealogia. Para Foucault, “o acontecimento – a ferida, a vitória-derrota, a morte – é sempre efeito, inteiramente produzido por corpos que se entrecrocaram, se misturam ou se separam; mas esse efeito jamais é da ordem dos corpos [...]” (FOUCAULT, 2000, p.246). Diríamos que os corpos estão sob a ordem do acontecimento, são efeitos materiais do acontecimento. Dessa maneira, “ao se chocarem, ao se misturarem, ao sofrerem, provocam em sua superfície acontecimentos, que são sem densidade, mistura ou paixão e que, portanto, não, não podem ser mais causa [...]” (FOUCAULT, 2000, p. 246).

Mas Foucault não foi o único da sua geração a se inquietar com o acontecimento. Paul Veyne, Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Roland Barthes são alguns de seus contemporâneos que trataram de refletir também sobre as questões ligadas ao acontecimento. *A escrita do acontecimento* de Barthes, texto publicado em 1968, nos leva a refletir “como pode um acontecimento ser escrito?” (BARTHES, 1972, p.161). Retomamos esta questão para analisar dois filmes de horror: *Frontière(s)* e *À l'intérieur*. O primeiro dirigido e produzido por Xavier Gens e o segundo por Alexandre Bustillo e Julien Maury. O motivo desta escolha se deve ao fato de que estas duas produções, ambas lançadas em 2007, têm o acontecimento do Outubro de 2005 como pano de fundo de suas tramas.

A tese é que estas duas produções fazem parte da escrita poligráfica, em termos barthesianos, do acontecimento cujo estopim é a morte dos adolescentes de origem estrangeira Zyed Benna, de 17 anos, e Bouna Traoré, de 15 anos,



eletrocutados em uma estação da *Electricité de France* (EDF) quando fugiam do controle da polícia local. Este fato está ligado à biopolítica francesa na medida em que diz respeito à entrada de estrangeiros ilegais ao país. As manifestações que começaram nos arredores de Paris se espalharam por toda a França de uma forma violenta, mas, também simbólica e, sobretudo, pela fala dos manifestantes e das autoridades, bem semelhante ao acontecimento descrito e analisado por Barthes em 1968.

### **BIOPOLÍTICA: ACONTECIMENTO E CRISE NO SENTIDO DOS CORPOS**

Em *O nascimento da Biopolítica*, curso que ministrou no *Collège de France* entre 1978 a 1979, Foucault tratou deste termo/tema como “a maneira como se procurou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas postos a prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raça” (FOUCAULT, 2008, p. 432).

Uma das questões refletidas inicialmente, neste curso, foi “como será que o fenômeno “população”, com seus efeitos e seus problemas específicos, pode ser levado em conta”, num sistema preocupado com o respeito aos sujeitos de direito e à liberdade de iniciativa dos indivíduos?

Para Foucault, o liberalismo “deve ser analisado, então, como princípio e método de racionalização do exercício de governo - racionalização que obedece, e aí está sua especificidade, à regra interna da economia máxima” (FOUCAULT, 1997, p. 90); mas, “é claro que não se trata aqui de uma ‘interpretação’ do liberalismo com pretensões exaustivas, mas de um plano de análise possível - o da razão governamental” (FOUCAULT, 1997, p. 94), sob a qual a biopolítica se estrutura para ordenar os corpos, colocando-os sob o governo e controle do Estado em práticas discursivas e por dispositivos que configuram a biopolítica, em termos foucaultianos. Esta biopolítica de que fala Foucault, também é um acontecimento



em si. De um lado, porque é formada por um conjunto de acontecimentos discursivos; de outro, porque, diríamos, com Foucault, “produz-se como efeito *de e em* uma dispersão material” (FOUCAULT, 1996, p. 57-58; grifos nossos).

É no seio do liberalismo que vamos assistir a passagem daquilo que Foucault chamou de sociedades disciplinares para o estágio de sociedades de controle. É justamente a partir daí que se pode falar na docilização dos corpos e, em contrapartida, da desordem e de suas crises, sobretudo, as de sentido que estão na ordem da biopolítica. Nestes termos, “sabe-se o lugar crescente que estes problemas ocupam, desde o século XIX, e as questões políticas e econômicas em que eles se constituíram até os dias de hoje” (FOUCAULT, 1997, p.89). O primeiro exemplo apresentado por Foucault sobre o nascimento da biopolítica é aquele cujo debate “aconteceu na Inglaterra, em meados do século XIX, sobre a legislação da saúde pública” (FOUCAULT, 1997, p. 89), mas se dedicar a outros dois exemplos contemporâneos: “o liberalismo alemão dos anos 1948-62 e o liberalismo norte-americano da escola de Chicago” (FOUCAULT, 1997, p.94-95).

No caso alemão, “esse excesso era o regime de guerra, o nazismo, mas para além dele, um tipo de economia dirigida e planejada, oriundo do período 1914-18 e da mobilização geral dos recursos e dos homens; era também o ‘socialismo de Estado’” (FOUCAULT, 1997, p. 95). Já no americano, “ele também se desenvolveu em relação a esse ‘excesso’, que era representado, no seu entender, desde Simons, pela política do *New Deal*, pela planificação de guerra e pelos grandes programas econômicos e sociais, sustentados [...] durante o pós-guerra, pelas administrações democratas” (FOUCAULT, 1997, p. 96).

Esta nova fase do liberalismo ficou conhecida como neoliberalismo. Foucault observou que o caso americano difere do alemão porque enquanto a Alemanha considerava que a regulação dos preços no mercado “é em si tão frágil que ela deve ser sustentada, organizada ‘ordenada’ por uma política interna e vigilante de intervenções sociais (implicando ajudas aos desempregados, coberturas de necessidade de saúde, uma política de habitação etc.)”(FOUCAULT,



1997, p. 96); o neoliberalismo americano buscava estender a racionalidade do mercado, os esquemas de análise que ela propõe e os critérios de decisão que sugere a domínios não exclusivamente ou não prioritariamente econômicos (cf. FOUCAULT, 1997, p. 96), como a família e a natalidade ou a delinquência e a política penal.

A França optou pelo modelo alemão, “a partir do que poderíamos chamar de uma governamentalidade fortemente estatizada, fortemente dirigista, fortemente administrativa, com todos os problemas que isso implica” (FOUCAULT, 2008, p.266). Neste contexto histórico que eclode a greve dos mineiros em 1963, revelando ao mundo as desumanas condições de trabalho das minas francesas. Em 1966 e 1967, também vão ser marcados com várias greves. O estopim da crise ocorre, no ano seguinte, com a ocupação da Universidade de Nanterre e da Sorbonne pelos estudantes por causa da proibição, em Nanterre, de rapazes dividirem alojamento com moças, logo uma greve geral paralisou o país por três meses com a adesão da classe operária. Alguns filósofos e historiadores consideram este o maior acontecimento popular na Europa Ocidental desde a Comuna de Paris em 1871. Para Barthes, “não somente a crise teve sua linguagem, mas também foi linguagem (um pouco no sentido que André Gluscksmann pode falar de linguagem de guerra): é a fala que tem, de qualquer modo, lavrado a história” (BARTHES, 1972, p.163).

Entrando na ordem do acontecimento do Maio de 1968, pela via de Barthes, podemos observar três níveis ou maneiras pelas quais este acontecimento foi escrito, “cuja conjunção poligráfica talvez forme sua originalidade histórica” (BARTHES, 1972, p. 161). Estas três maneiras são: a fala, o símbolo e a violência. Em termos foucaultianos, estes níveis ou maneiras seriam as formas pelas quais o acontecimento se efetivou, ou seja, sua materialidade se deu nestes níveis de dispersão material. A fala do acontecimento do Maio de 68 (*la parole*), o primeiro nível descrito pelo semiólogo, diz respeito, sobretudo, aquelas emitidas pelas vias do rádio que, naquela ocasião, “dentro dos termos da cultura ocidental, onde nada



pode ser apreendido sem sentido, a fala radiofônica era o próprio acontecimento” (BARTHES, 1972, p. 162); mas Barthes destacou ainda a fala das relações de força entre os diferentes grupos e partidos e a fala estudantil.

Em relação ao nível simbólico, Barthes observou que eles “foram produzidos e consumidos com uma grande energia; esobretudo, fato surpreendente, foram *mantidos* por uma complacência geral, participante” (BARTHES, 1972, p. 165). Os símbolos desta crise formaram um campo simbólico que se articulou a um mesmo discurso simbólico que “parece ter marcado afinal integrantes e adversários da contestação: quase todos planejaram o mesmo jogo simbólico” (BARTHES, 1972, p. 166). Para o semiólogo, “um campo simbólico não é apenas uma reunião de (ou u antagonismo) de símbolos; ele é também formado por um jogo homogêneo de regras” (BARTHES, 1972, p. 166). Nesta descrição do acontecimento do Maio de 68, Barthes conseguiu inventariar um campo simbólico formado pelo paradigma das três bandeiras (vermelha/preta/tricolor); pela barricada que “permitiu irritar e desmascarar outros símbolos; o da propriedade, por exemplo, com os franceses, a partir de então, vivendo mais nos automóveis do que nas casas”; e pelo “monumento (a Bolsa, o Odeon), a manifestação, a vestimenta, a ocupação, e, bem entendido, a linguagem, nos seus aspectos mais codificados (isto é, simbólicos, rituais)” (BARTHES, 1972, p.165).

A violência, terceiro nível da escrita deste acontecimento, simbolizou de maneira concreta e depois verbalmente ‘nas ruas’, lugar da fala desencadeada, do contato livre, espaço anti-institucional, antiparlamentar e anti-intelectual, oposição do imediato aos possíveis ardis de todas as mediações. Daí, “a esta escrita da violência (escrita eminentemente coletiva) não falta nem mesmo um código; qualquer que seja a maneira que se decida a analisá-la, tática ou psicanalítica, a violência implica uma linguagem da violência” (BARTHES, 1972, p. 167). Neste caso, “a presença (ou a postulação) do código não intelectualiza o acontecimento (ao contrário do que a mitologia anti-intelectualista anuncia sem cessar): o inteligível não é o intelectual” (BARTHES, 1972, p 167). Observamos que, na



descrição analítica feita por Barthes, os três níveis ou maneiras do Maio de 68 funcionaram reciprocamente, orientando-se por dois postulados de alcance ainda mais polêmico. O primeiro destes postulados diz respeito à separação, com rigor, dos conceitos de fala e escrita, “segundo a proposição de Derrida” (BARTHES, 1972, p. 167). Então, “o falar não é apenas o que se fala realmente, mas também o que se transcreve (ou antes, se transporta) da expressão oral, e o que se pode muito imprimir (ou reproduzir)” (BARTHES, 1972, p. 167). Ele é a própria voz de toda reivindicação, mas não forçosamente da revolução, estando ligado ao corpo, à pessoa, à compreensão. Enquanto, “a escrita é, na sua totalidade, ‘o que está por inventar’, a ruptura vertiginosa com o antigo sistema simbólico, a mutação de toda uma fase da linguagem” (BARTHES, 1972, p. 167).

Já “o segundo postulado consiste em não ter em vista o descrever escritural como uma ‘decifração” (BARTHES, 1972, p. 168). Esta afirmação feita por Barthes tem a ver com aquilo que ele enunciou anteriormente acerca do inteligível não ser o intelectual, ou seja, “é preciso, pouco a pouco substituir a interpretação por um novo discurso, que teria por fim não o descobrimento de uma estrutura única e ‘verdadeira’, mas a fundação de um jogo de estruturas múltiplas: o próprio estabelecimento escrito” (BARTHES, 1972, p. 168). Esta previsão que Barthes faz, em *A escrita do acontecimento*, a respeito de uma nova teoria que pudesse dar conta do aparecimento do seu próprio objeto de estudo, ao investigar as regras desconhecidas do acontecimento, encontra seu lugar na arqueogenealogia de Foucault, este espaço teórico em que se tratou de diversas materialidades das quais citamos as pinturas (*Las Meninas, La Musique aux Tuileries, Argenteuil, L'Exécution de Maximilien* etc.), o Panóptico e filmes como *Hitler: um filme da Alemanha*. O enunciado é uma das ferramentas usadas por Foucault em seus empreendimentos arqueogenealógicos. Ele tem uma dimensão que vai do micro ao macrocosmo; isto é, o enunciado tem seus limites e sua independência; “trata-se, antes, de uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão presentes ou



não” (FOUCAULT, 1987, p. 98). Esta noção de enunciado aproxima Foucault de Barthes. “Aliás, é curioso como Barthes e Foucault insistirão mais e mais numa pragmática generalizada” (DELEUZE, 1992, p. 112). Neste ponto, acreditamos que o trabalho de Barthes pode se articular com os de Foucault por conta desta pragmática de que fala Deleuze. Daí, o Maio de 68 pode ser visto como um conjunto de acontecimentos discursivos que constituem a sua própria escrita poliforme.

### **O CORPO DO HORROR SOB A ORDEM DA MEMÓRIA**

A singularidade e originalidade histórica do Maio de 68 marcaram o início de uma nova ordem mundial cuja palavra de ordem é “*Il est interditinterdire*” (é proibido proibir). Este acontecimento que começou com o protesto de estudantes contra o conservadorismo que impedia jovens do sexo oposto de ficarem no mesmo alojamento universitário, acabou se tornando um espaço de críticas contra o liberalismo e o imperialismo norte-americanos, sobretudo, no que diz respeito à guerra do Vietnã. Os efeitos desta crise ainda são sentidos ainda nos dias de hoje, na medida em que os corpos do agora são fragmentos desta revolução; ou seja, os corpos de hoje são efeitos dos anseios dos corpos daquele momento histórico em que fez acontecer o Maio de 68. O Maio de 68, na França, subverteu a ordem da política mundial na medida em que as relações entre homens e mulheres, professor e estudantes, governo e cidadãos foram alteradas. Diríamos que a memória deste acontecimento, que reorganizou os sentidos da biopolítica liberal na França, os regula no agora, no tempo presente. Para demonstrar isso, vamos usar, como exemplo, a *Crise dos Subúrbios de 2005*, acontecimento contra as medidas que buscavam limitar mais uma vez a mobilidade e a convivência do estrangeiro no espaço nacional e que eclodiu com a morte dos dois adolescentes de que falamos anteriormente.

O estudo de Moirand (2010), sobre os choques de discursos nos jornais franceses que noticiaram a crise dos Subúrbios de 2005 ea crise das Universidades





em 2006, mostrou, dentre outras coisas, como a memória do Maio de 68 foi paradoxalmente evocada por estes jornais, tendo em vista que ela “faz parte da memória coletiva dos franceses, no sentido que lhe é dado por Maurice Halbwachs, sociólogo da memória” (MOIRAND, 2010, p. 38; nossa tradução). Esta memória, de certa forma, foi usada para orientar a construção da representação deste acontecimento, tendo o Maio de 68 como paradigma regulador dos sentidos e dos efeitos dos corpos.

A exemplo do que aconteceu com o uso da memória do Maio de 68 pelos jornais franceses, diretores de duas produções cinematográfica francesas de horror também lançaram mão desta mesma estratégia para traduzir o medo e o horror da ameaça do crescimento da extrema-direita nas presidenciais de 2002; ou seja, *Frontière(s)* e *À l'intérieur* são a prova de que os filmes de horror pode fazer parte da escritura e da memória do acontecimento na medida em que eles usaram imagens dos acontecimentos ligados aos feitos da tentativa de restrição aos direitos individuais dos cidadãos. Além das imagens que encontramos nestes filmes, podemos constatar isso na afirmação feita por Xavier Gens. Vejamos:

A ideia do filme me veio em 2002, no momento das eleições, quando a extrema direita passou para o segundo turno. Então, tomei consciência da extrema gravidade da situação de que isto me fez ter um medo profundo. Eu queria tentar retraduzir essa ansiedade através de um cenário. Sendo um grande fã de filmes de gênero (como *Massacre da Serra elétrica*), eu disse a mim mesmo que o melhor veículo para traduzir essa história seria uma metáfora para a ansiedade através da fuga de um bando de jovem, todos representativos da juventude de hoje. Mas, enquanto tentavam escapar desta nova política, eles acabam caindo na armadilha de uma ideologia ainda mais duvidosa (GENS, 2007 *apud* LEMAIRE, 2007; tradução nossa).

Como vemos, Gens se valeu de sua memória de espectador do filme norte-americano, *O Massacre da Serra Elétrica*, para traduzir seu medo que também afetava boa parte dos franceses e dos estrangeiros que vivem na França.



Em relação às imagens, demonstramos como elas podem criar uma rede por meio das memórias, chamada de intericonicidade por Courtine (2013). Nestes trabalhos, usamos as imagens em movimento de *Frontière(s)* e *À l'intérieur* para tratar desta memória colocada em jogo pela estrutura fílmica, cujos corpos são efeitos tanto do acontecimento fílmico como do acontecimento a que ele se refere (cf. ARAUJO; 2014; MILANEZ 2011a). Em outras palavras, diríamos que estas produções também são formas que reescrevem o acontecimento, o qual é, para nós, uma espécie de obra que nunca se conclui porque tem em sua ordem o comentário, princípio responsável pela transmissão da multiplicidade, do acaso, ou seja, “daquilo que arriscaria de ser dito, para o número, a forma, a circunstância da repetição” (FOUCAULT, 1996, p. 26). Neste caso, diríamos, com Foucault, que “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 1996, p. 26).

As imagens (fig. 4, 5, 6 e 7) aparecem no preâmbulo de *Frontière(s)*, num plano marcado pela dispersão, pelo fora de quadro que funciona como uma espécie de mecanismo de coesão, mostrando em alguns minutos todo o caos que se abateu em Paris, jovens enfrentando a política, carros em chamas, bombas de gás lacrimogêneo em meio ao som da macha dos soldados das CRS, um corpo da Polícia Nacional Francesa. Elas são o registro da violência que se escreve e, ao mesmo tempo, aciona a memória de outros acontecimentos que são retomados pelas mídias

Em *À l'intérieur*, as imagens da Crise dos Subúrbios aparecem na televisão da casa de Sara, uma repórter fotográfica que não podia cobrir este acontecimento porque estava na véspera de ter seu primeiro filho. Tais imagens são acompanhadas de uma narração de um noticiário que apresenta as estatísticas da situação da população estrangeira que vive de forma ilegal na França e os números do conflito nesta Crise dos subúrbios.

Estas imagens, que nós apresentamos aqui, fazem parte da memória coletiva dos franceses. Em cada acontecimento novo, elas são atualizadas por



outras. Elas parecem ser regidas pelo enunciado da imagem (fig.3): “Maio de 68, início de uma luta prologada”. O uso destas imagens em produções cinematográficas de horror como *Frontière(s)* e *À l'interieur* demonstra, de um lado, a retomada de uma estética fílmica de horror comprometida com as contestações políticas e reflexões sociais que marcaram as produções norte-americanas nos anos de 1970; e, do outro, do engajamento político que é próprio dos cineastas franceses. Nesta perspectiva, estes dois filmes de horror fazem parte da escrita da luta que começou em Maio de 1968.

## CONCLUSÕES

Entramos na ordem da escrita do acontecimento e da Biopolítica e nos deparamos com o Liberalismo, lugar onde esta tecnologia nasce para gerir a vida das populações, fabricando os sentidos para os corpos. Retomamos a questão “como pode um acontecimento ser escrito?”, de Barthes, buscando atualizar a discussão feita por Barthes, em 1968, ao incluir a arqueogenealogia de Foucault em nosso gesto, ao refletirmos sobre a Crise dos Subúrbios de 2005. Os filmes *Frontière(s)* e *À l'interieur* foram tomados por nós como parte da escrita da Crise dos Subúrbios, já que eles trazem em sua estrutura fílmica uma crítica à política conservadora adotada naquela ocasião e uma crítica ao crescimento da extrema-direita francesa no cenário político do país. Mas, sem dúvida, a grande contribuição deste trabalho foi aproximar os gestos Foucaultianos com aqueles desenvolvidos por Barthes.



## REFERÊNCIAS

- A L'INTERIEUR.** Direção: Julien Maury. Produção: Priscilla Bertin, VéraneFrédiani, RodolpheGuglielmi, FredericOvcaric, Teddy Percherancier e FranckRivière. Paris: La Fabrique duFilm, 2007; Pathé 2008. DVD. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ptd6-c73TM>> Acesso jan. 2015.
- ARAUJO, A. Utopias e heterotopias no interior e nas fronteiras do discurso-corpo no cinema francês de horror contemporâneo. In: MILANEZ, N.; GHAMA-KHALIL, M.; PESSOA-BRAZ, A. (org.). **Outros corpos, espaços outros.** Vitória da Conquista, Labeledisco, 2014.
- ARAÚJO, A. P.; MILANEZ, N. O discurso fílmico de horror francês e a questão “do quem somos nós hoje”: um lugar para memória do corpo. In: **VII SPEL**, 2012, Vitória da Conquista - BA. Anais do VII SPEL. Vitória da Conquista - Bahia, 2012.
- DELEUZE, G. **Conversações.** Tradução de Peter PálPelbart. – Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- BARTHES, R. **Elementos de semiologia.** Tradução de Izidoro Blikstein. – São Paulo: Cultrix, 1971.
- \_\_\_\_\_. A escrita do acontecimento. In: TODOROV, T. et al. **Semiologia e linguística** (seleção de ensaios da revista Communications). Tradução de Lígia Maria PondéVassallo e Moacy Cirne - 2ª edição - Petrópolis - RJ: Vozes, 1972.
- COURTINE, J-J. MILANEZ, N. **Intericonicidade: entre(vista) com Jean-Jacques Courtine.** Registro audiovisual, 2005. Disponível em: <<http://www.grudiocorpo.blogspot.com/>>. Acesso em: 11 nov. 2012.
- \_\_\_\_\_. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault.** Tradução de Francisco Morás. – Petrópolis, RJ: 2013
- FRONTIÈRES.** Direção: Xavier Gens. Produção: Luc Besson, Hubert Brault, Eric Garoyan, RodolpheGuglielmi, Bertrand Ledélézir, NoëlMuracciole, FredericOvcaric, Teddy Percherancier e Laurent Tolleron. Paris: Cartel Productions, BR Films, EuropaCorp e Pacific Films, 2007.
- FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica.** Tradução de Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.
- \_\_\_\_\_. A governamentalidade. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder.** Organização, introdução e tradução de Roberto Machado. - Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.** Tradução de Salma TannusMuchail. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Arqueologia do Saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. - 3ª Ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- \_\_\_\_\_. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France: pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

- \_\_\_\_\_. **Resumos do Collège de France:**(1970-1982). Tradução de Andrea Daher. - Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade:** curso do Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Theatrumphilosophicum.** In:**Ditos e escritos II-** Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- \_\_\_\_\_. Outros espaços. In: **Ditos e escritos III** - Estética: Literatura e pintura, música e cinema. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 411-422.
- \_\_\_\_\_. **O nascimento da biopolítica:** curso dado no Collège de France. Edição estabelecida por Michel Senellart; sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana; tradução Eduardo Brandão; revisão da tradução Claudia Berliner. - São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Le corps utopique – les heterotopies.** Apresentação e Posfácio de Daniel Defert. - Paris: Edições Lignes, 2009.
- GENS, X. **Frontières:** interview du réalisateur Xavier Gens. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=RFmZTITo\\_88](https://www.youtube.com/watch?v=RFmZTITo_88)> Acesso em acesso nov. 2012.
- MILANEZ, N. O nó discursivo entre corpo e imagem: intericonicidade e brasilidade. In: CHIARETTI, P.; MONTE-SERRAT, D. M.; TFOUNI, L. V.(org.) **A análise do discurso e suas interfaces.** – São Carlos-SP: Editora Pedro e João, 2011a.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e imagem em movimento:** o corpo horrorífico do vampiro no trailer. – São Carlos-SP: Claraluz, 2011b.
- \_\_\_\_\_. Intericonicidade: funcionamento discursivo da memória das imagens. In:**ActaScientiarum: Language and Culture**, Maringá, v. 35, n. 4, p. 345-355, Out.-Dez., 2013. Disponível em <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/20232/pdf>>. Acesso em out 2013a.
- \_\_\_\_\_. Foucault e a história da análise do discurso: olhares e objetos. In: CONTI, M. A.; FERNANDES, C. A.; MARQUES, W. **Michel Foucault:** aportes teóricos e metodológicos. -Uberlândia: Edufu, 2013b.
- MOIRAND, S. Le choc des discours dans la presse française: de la crise des banlieues à celle des universités. In:**Explorations and Encounters in French.** Londre: University of Adelaide Press, 2010, p. 35-77. Disponível em: <<http://www.adelaide.edu.au/press/titles/explorations/Explorations-Ebook.pdf>>. Acessado em 30 de julho de 2012.
- MOTTA, M. B. Apresentação à edição brasileira. In: **Ditos e escritos III** - Estética: Literatura e pintura, música e cinema. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.